

# O significado de um Parque Infantil em Santo Amaro



Parte de uma conferência realizada pelo Dr. Nicanor Miranda, Diretor da Divisão de Educação e Recreio do Município de S. Paulo.



## PREÂMBULO

Sessenta anos após o descobrimento do Brasil, José de Anchieta, uma das figuras mais impressionantes e admiráveis da nossa história, começou a dirigir uma povoação constituída de um aldeamento de indígenas guaianazes, denominado Ibirapuera. João Pais e sua mulher Suzana Rodrigues, vindos de Portugal com Martim Afonso de Souza, aí erigiram, sob a invocação de Santo Amaro, uma capela. Para a nova povoação começaram a afluir moradores e dos documentos oficiais consta que a igreja teve princípio em 1686, sendo capelão o padre João de Pontes, irmão do padre Belchior de Pontes.

Quasi trezentos anos mais tarde, em 10 de Julho de 1832, a povoação foi elevada a vila e com anos depois anexada ao município de São Paulo.

O pequeno núcleo de guianazes cresceu obedecendo às leis da aglomeração. Melhoramentos materiais com iluminação, transportes, estradas, surgiram com o correr dos tempos e tudo parece indicar que o destino de Santo Amaro será grandioso como centro de recreação e de repouso da população paulistana.

Uma linda represa referta de clubes de velejamento, hiatismo, remo, natação, lindos parques marginaes, campos de esporte e de jogos, terrenos de acampamento, constituirão num futuro próximo o mais aprazível logradouro público de São Paulo.

Mas um dia os governantes lembrar-se, com carinho, da criança. Se tudo que existe e se projeta visa principalmente as gerações adultas, porque não

organizar um serviço público que cuide da criança de hoje, cidadão de amanhã, colaborador eficiente da grandeza de S. Paulo.

E assim foi que, do pensamento voltado para a proteção da criança santamarense, surgiu o projeto do primeiro Parque Infantil. Graças ao descortino e ao espírito de administrador do Dr. Américo de Carvalho Ramos, deve-se em boa parte essa iniciativa.

Até hoje os melhoramentos realizados tinham, embora de benefício coletivo, um caráter material. O Parque Infantil constitui a primeira melhoria de natureza estritamente social.

Nessas condições seria de convir que, sobre ele, viesse alguém dizer-vos algumas palavras. A circunstância das nossas funções fez com que esse alguém fôssemos nós. Porisso aqui estamos para conversar convosco sobre o valor social dos Parques Infantis.

O nosso objetivo é claro: procurar esclarecer-vos sobre uma instituição recomendada pelos mais eminentes sociólogos, médicos e educadores contemporâneos e experimentada por algumas das nações mais civilizadas do globo.

Queremos nesta primeira fase a vossa compreensão. E na segunda, aquela que irá da inauguração dos serviços aos tempos futuros, a vossa colaboração. A criança de hoje é o cidadão de amanhã. Mas os cidadãos de amanhã são, antes do mais, vossos filhos! Colaborando na felicidade dos vossos filhos estais contribuindo acima de tudo, para a grandeza da Pátria!

## A VIDA DAS CIDADES

Conhecida é a origem das cidades. Alguns homens, inspirados no ideal de conquista e dominados pelo espírito de aventura — esse eterno e inquieto companheiro do homem — abandonam o seu torrão natal e partem em busca de ignotas terras. Antevendo no horizonte do caminho a realidade das ambições sonhadas e deixando para trás o fardo dos desgostos perlostam a estrada da nova vida promissora.

Chegados que são a recanto ameno e inexplorado onde haja terra fértil e um veio d'água, aí pousam. Constroem a sua morada. E outros homens animados do mesmo ideal e nutrido os mesmos sonhos vão chegando. E decorridos algumas dezenas de anos, o que era apenas esbôço de aldeia passa a ser uma cidade.

E a cidade cresce. Surgem construções. Os terrenos vão escasseando, o perímetro urbano vai-se limitando, os edifícios novos, os arranha-céus e os prédios de apartamento vão brotando na terra nova. A população condensa-se, o trânsito começa a congestionar-se.

E tudo isso vai condenando as crianças e os municípios a ficar sem áreas livres, sem ar puro, sem espaços verdes, elementos imprescindíveis para o seu sistema recreativo, parte integrante de uma organização municipal à altura da civilização contemporânea.

Variadas a proporção, a época, as regiões, quase todas as cidades nascem, crescem e se desenvolvem obedecendo às mesmas leis do urbanismo.

Mas a cidade cresce e... cria problemas.

Aos urbanistas compete resolvê-los, dentro do plano da cidade, pois urbanismo nada mais é que "a arte de criar as cidades, dirigí-las, organizar o seu desenvolvimento e o seu embelezamento".

E eis que em dado momento da vida das cidades os urbanistas têm os olhos voltados para este fato: as crianças não tendo jardins, quintais, parques onde brincar e jogar, vão brincar no único espaço que lhes resta — a rua!

## O LAR, A ESCOLA E A RUA

A casa, a escola, a rua, são os lugares em que vive habitualmente a criança. Analisemos rapidamente estes três aspectos da vida infantil.

Em casa os pais têm os seus afazeres e não podem dedicar aos filhos o tempo de que necessitam. Na maioria dos casos os pais trabalham ou saem e os filhos ficam privados de receber os cuidados que merecem.

A conclusão é clara: as crianças ficam virtualmente abandonadas ou entregues aos cuidados de pessoas sem preparação suficiente para educá-las.

A rua é o meio nocivo por excelência. Ao contacto de companheiros viciosos, adquirindo maus hábitos, perturbando vizinhos, intranquilizando os adultos, a rua é a criadora de tendências antisociais, a geradora da criminalidade infantil. Começando por surripiar uma fruta, passa o garoto ruído a furtar peças de automóvel, roupas, objetos de valor e dinheiro. Eis o criminoso infantil, adolescente e adulto.

Na rua a criança está sujeita a toda a sorte de perigos físicos e morais. O acidente é um deles. Em todas as cidades do mundo procuram-se meios para evitar acidentes com a infância. Lembremos o que acontece na Inglaterra e que é, variadas algumas circunstâncias, o mesmo que sucede em todas as cidades do globo. De trinta anos para cá triplicou o número de mortes de crianças. No ano de 1935 foram mais de 1.200. Em Londres para cada quarenta crianças, uma sofre um desastre durante os anos de sua vida escolar. E segundo a opinião de muitos, inclusive dos mais notáveis órgãos da imprensa daquela cidade, uma das únicas soluções que se apresentam é a criação de Parques Infantís.

Temos ainda a escola, complemento necessário e indispensável ao lar. Mas a escola, numa civilização em perpétua mudança como a nossa, tem graves e inúmeros defeitos. Resumimos aqui a segura e admirável análise que dela faz o insigne educador argentino Professor Ernesto Néelson:

A escola é o lugar onde a criança tem que ficar sentada, bem quietinha, quatro horas por dia e nove meses por ano, absorvendo abstrações e sem a prática da experimentação. Tudo se passa como se o interesse da criança gravitasse em torno de livros, silêncio, passividade,

inatividade. A escola é ainda individualista, na época em que vivemos, não se propondo a ensinar cooperação, iniciativa, auto-direção ou a arte de fazer amigos e dirigir os outros. Violando as leis do crescimento físico e psíquico, prepara homens sem iniciativa, sem originalidade, sem vontade, sem idéias. Forma pulmões e corações débeis, braços e pernas macilentos e debilitados, gerando na criança uma anemia e uma constituição acanhada e incompleta.

Esqueceu-se que o objetivo da escola não é formar sábios e sim homens e mulheres fortes, bem constituídos, bem equilibrados, capazes de sustentar o peso do trabalho e afrontar a luta pela vida numa civilização complexa como a nossa.

Ao invés de respeitar o corpo e deixar a mente cuidar de si mesma, respeitamos a mente e descuidamos do corpo. Ambas as atitudes são erradas, mas não podemos deixar de reconhecer esta verdade tão simples: o físico serve de base ao mental e este último não deve ser desenvolvido em prejuízo do primeiro.

A escola não é, pois, o sistema ideal de cultura infantil. Um outro sistema precisa, não diremos substituí-la, mas completá-la. Um sistema que tome a criança como ela é, e a nossa complexa civilização como ela é, harmonizando os dois fatos de uma maneira científica e ao mesmo tempo humana.

Esse sistema é o Parque Infantil.

## A ORIGEM DO PARQUE INFANTIL

Nos fins do século XVIII, três eminentes educadores, Froebel, Pestalozzi e Fichte, procuravam descobrir um sistema que pudesse trazer nova luz sobre o problema da educação.

Pestalozzi, suíço, sustentava que as crianças deviam ficar inteiramente entregues às mães. Fichte, filósofo e pensador alemão, opinava que as crianças deviam ser entregues ao Estado que lhes ministraria os cuidados precisos.

Foi quando surgiu o espírito genial de Froebel, procurando a reconciliação de dois termos opostos e afirmando que a criança pertence tanto à família como ao Estado; que ela deve passar algumas horas do dia fora do lar, numa comunidade infantil, entretendo-se aí com atividades organizadas.

Esses logradouros não seriam escolas, pois de três a sete anos a criança não estaria suficientemente crescida para ir à escola e por isso chamou-os "Jardins da Infância". O objetivo deste é "proporcionar à criança uma ocupação de acordo com a sua própria natureza, robustecer o seu corpo, exercitar os seus sentidos, estimular o seu espírito que começa a despertar, fazê-la conhecer pelos sentidos a natureza e o próximo; orintar principalmente o coração e as paixões, guiar estas no sentido original da vida, unindo as crianças entre si": ("Paedagogik der Kindergarten").

No Jardim da Infância a atividade da criança é brincar. As ocupações que aparentemente não constituem objeto de prazer visam uma determinada finalidade educativa, previamente estabelecida.

Froebel inventou uma série de ocupações, na maioria jogos, aos quais chamou "dons": bolas, cubos, quadrados, pausinhos, pranchetas, etc. Com o correr do tempo outras atividades se lhes ajuntaram — como a modelagem de argila, corte e tecelagem de papel, desenho na areia.

Em 1885, o taboleiro de areia era uma atividade bastante conhecida para as crianças da Alemanha. Visitando esse país, nessa época, Maria Zakerzewska, médica americana, observou-o com acentuado interesse e sugeriu a uma sociedade filantrópica de Boston, nos Estados Unidos, que localizasse em um jardim público daquela cidade, um taboleiro de areia. A sugestão foi aceita e o primeiro taboleiro de areia foi instalado. Em 1886 havia três, e estes foram os primeiros "parques infantís" dos Estados Unidos. Com o correr do tempo, lembrou-se de estender o benefício do brinquedo às crianças mais crescidas, num espaço maior, num pequeno campo. A idéia foi vencedora. Os resultados e os benefícios dessa instituição ultrapassarão de tal forma a expectativa, que, pelas últimas estatísticas, o número de parques de jogos nos Estados Unidos atinge a 9.540!

A Alemanha também continuou a sua obra. E no ano passado quando lá estivemos, havia só em Berlim, recantos de jogos para crianças em todos os 236 campos de esportes daquela cidade.

Não nos queremos alongar citando-vos estatísticas e números. Mas lembremos incidentalmente que essa instituição existe e funciona com reais benefícios para a criança na Inglaterra, na Áustria, na Bélgica, na França, na Holanda, na Tchecoslováquia, na Argentina, no Uruguai, no Chile e em muitos outros países.

São Paulo conta presentemente quatro Parques Infantís, aparelhados e organizados. Na capital do país funciona um Centro de Recreio em Copacabana e em treze praças da capital do Rio Grande do Sul foram colocados aparelhos de recreio para as crianças porto-alegrenses.

## CONCLUSÃO

Os Parques Infantís são, em última análise, uma obra de assistência social e de educação popular. Não é possível, pois, separar a sua missão daquela que lhes cabe como elemento formador de um Estado que deve ser, pelo nosso julgar, essencialmente democrático.

Prover os meios necessários para que os homens das novas gerações sejam dotados de aptidões para exercer funções vivas na coletividade; estimular a